

APRESENTAÇÃO

In memoriam

JOAQUIM BRASIL FONTES JÚNIOR

* 14-10-1939

† 11-07-2019

A crise permanece desde a Antiguidade até a Modernidade como um *tópos* constante nas discussões sobre cultura e civilização, atravessando a obra de autores tão diversos quanto Estácio ou Luciano – entre os antigos – e Guimarães Rosa ou Pasolini – entre os modernos. A variedade dos posicionamentos que cada intérprete da cultura pode adotar no tocante à constatação dessa crise é enorme e justifica a pluralidade de estudos publicados pela revista *Em Tese*, em seu primeiro número de 2019 (vol. 25, n. 1). Dando continuidade a essa discussão, abrimos extraordinariamente o presente número com a seção de **Poéticas**: orientada por nossa chamada em torno à pretensa situação de crise que as últimas décadas ainda testemunhariam no campo da

literatura e da cultura de modo geral, oferecemos aqui um riquíssimo panorama da reflexão poética contemporânea sobre esse assunto no Brasil. Dentre os convidados que nos deram a honra de atender ao nosso chamado para contribuir com seus poemas estão: Age de Carvalho, Ana Martins Marques, Bruna Kalil Othero, Carlos Ávila, Daniel Arelli, Dirceu Villa, Guilherme Gontijo Flores, Júlia de Carvalho Hansen, Júlio Castañon Guimarães, Laura Cohen Rabelo, Leonardo Fróes, Marcos Siscar, Mônica de Aquino, Paulo Henriques Britto e Thais Guimarães. As vozes aqui reunidas oferecem uma complexa paisagem das possibilidades de compreensão do que temos chamado de “uma crise clássica”. Por mais dissonantes que elas possam se mostrar no interior desse coro polifônico e sem regente, contudo, tais vozes trazem um testemunho importante sobre as dificuldades, desafios e conquistas compartilhados por quem vive este conturbado ano de 2019. Que não se esperem melodias otimistas, nem canções alvissareiras, pois o rumor que daí se levanta é um reflexo de tempos sombrios: cacos de

silêncio, sombras de sonho, ossos talvez de um quase remorso. Muitas vezes, sussurros só.

Passando à seção de **Teoria, Crítica Literária, outras Artes e Mídias**, temos o artigo “Se uma voz em meio a tantas”, no qual os pesquisadores Juliana Prestes de Oliveira, Amanda Lais Jacobsen de Oliveira e Nícollas Cayan Teixeira Dutra desenvolvem um interessante estudo sobre o romance *Se um viajante numa noite de inverno...*. O foco da pesquisa foi centrado nas questões da voz autoral e da intenção do autor, desafio perseguido a partir da mescla dos referenciais barthesianos com a perspectiva de Michel Foucault. Já as reflexões de Monalisa Medrado Bomfim, em seu artigo “As redes tentaculares de Haroldo de Campos”, são direcionadas para a obra do poeta Haroldo de Campos e sua íntima relação com o universo do pós-utópico. Para delinear as relações entre a obra do autor

e esse plano conceitual, a pesquisadora se utiliza de uma eclética rede de referências, passando por autores como Octavio Paz, Roman Jakobson e Jacques Rancière. No texto de Thiago de Melo Barbosa, “Oswald e Mário: uma guerra revista e ampliada por Haroldo de Campos”, é discutido o processo de recepção crítica dos embates estético-formais entre os dois autores modernistas. A avaliação dos encontros e desencontros entre eles é desenvolvida a partir de um enfoque no projeto concretista de reflexão criativa sobre a própria tradição literária brasileira. No texto “Boêmia, comédia e pornografia: a propósito de ‘Um amor filósofo’ e ‘Necrológio de um...’, folhetins de Carvalho Júnior”, Thales Sant’Ana Ferreira Mendes traz uma análise dos folhetins do autor lembrado como o poeta de “Hespérides”. Para isso, é proposta uma volta à crítica sobre os folhetins do autor, com destaque para Arthur Barreiros,

crítico contemporâneo a Carvalho Júnior. Já Elisa Capelari Pedrozo apresenta, em “Uma revisão teórica da crítica literária: do estruturalismo à crítica feminista”, pensamentos de pesquisadores das áreas de Antropologia, Filosofia e Literatura que mostram as noções principais de cada período da crítica literária, do estruturalismo até os estudos culturais. Assim, são analisadas as ideias de autores como Elaine Showalter, Jacque Derrida, Judith Butler e Stuart Hall.

Abrindo a seção de **Tradução e Edição**, Carolina Akie Ochiai Seixas Lima realiza uma tradução comentada de duas das vinte e quatro tábuas genealógicas das Tribos de Judá, apontando, no artigo intitulado “A linhagem de Judá e a Genealogia de Davi”, a escolha metodológica para a edição de um texto que escapa à linearidade. Em “Auroras diversas de todas as épocas, de Paul Valéry”, Daniel Glaydson Ribeiro e Fábio Roberto Lucas traduzem quatro

poemas do autor francês recolhidos a partir da temática da aurora. Acompanhando a tradução, temos um texto crítico que comenta os aspectos formais caros à poética de Valéry e, conseqüentemente, a própria tradução de seus textos.

Na seção **Em Tese**, Fátima Almeida da Silva investiga a construção metafórica dos espaços da prisão e da favela na literatura. Para isso, a estudiosa analisa crônicas de três autores do século XIX e propõe seu interessante artigo sob o título de “Retratos da prisão e da Favela em crônicas do fim do século XIX”.

No campo das **Resenhas**, contamos com a contribuição de Pedro Kalil, que escreve sobre o livro *Literatura de esquerda*, do argentino Damián Tabarovsky. Em seu texto, o resenhista sugere convincentemente de que modo esse autor não parte do campo político e social para chegar

à literatura, mas sim da literatura para chegar ao campo cultural e literário, só então propondo suas considerações para o campo mais propriamente político e social.

Na seção dedicada a **Entrevistas**, retomamos as preocupações que orientaram a chamada também deste número da *Em Tese*. Profundamente inspirada por uma reflexão crítica da realidade contemporânea à luz das permanências de “uma crise clássica”, a entrevista de Maíra Nassif Passos constitui um importante testemunho das dificuldades, desafios e possibilidades vivenciados por quem lida com literatura e cultura de modo geral atualmente. A estudiosa – responsável pela já célebre editora Relicário – oferece suas opiniões no que diz respeito a vários temas em torno a essa pretensa “crise da cultura”, refletindo sobre a situação da literatura brasileira atual, bem como sobre o papel que o mercado editorial tem e ainda pode vir a desenvolver.

Assumindo um posicionamento abertamente crítico, a intelectual sugere de que modo uma atuação consciente e engajada nos mais diversos campos de produção cultural pode se revelar uma forma corajosa de resistência àqueles que buscam instaurar a crise e o caos em nossa sociedade.